

LARGO DO CHAFARIZ DE DENTRO

ALFAMA EM ÉPOCA MODERNA

RODRIGO BANHA DA SILVA, PEDRO MIRANDA, VASCO NORONHA VIEIRA, ANTÓNIO MOREIRA VICENTE, GONÇALO C. LOPES E CRISTINA NOZES

RESUMO Apresentam-se os resultados da Intervenção Arqueológica Urbana do Largo do Chafariz de Dentro, realizada em 2007. Os trabalhos arqueológicos tiveram como principal objectivo a minimização do impacto patrimonial negativo de uma obra camarária no troço remanescente da “Cerca Fernandina”.

Foi identificado o troço original da muralha trecentista, em bom estado de conservação, e reconhecida uma profunda reforma urbanística, com impacto no monumento, ocorrida em finais do século XVI. Esta remodelação, que facilmente se pode interpretar como uma campanha de “monumentalização”, até ao momento não tinha sido documentada.

O conjunto artefactual, exuberante, regista a presença de vasos orientais importados, como as porcelanas chinesas, celadons e “martabans”. De origem europeia foram colectadas majólicas e vidros italianos, produções germânicas de “stoneware”, produções cerâmicas valencianas, sevilhanas, holandesas e francesas. Estes elementos evidenciam uma elevada capacidade aquisitiva, bem demonstrativa da importância que adquire a zona ribeirinha de Lisboa, capital Imperial.

PALAVRAS-CHAVE Cerca Fernandina, cerâmica moderna, Alfama, Lisboa, séculos XVI e XVII

1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

A intervenção arqueológica urbana do Largo do Chafariz de Dentro foi desenvolvida ao longo de 2007 e 2008, motivada pela renovação do sistema de tratamento de águas residuais de Lisboa.

Como muitas vezes acontece, esta acção correspondeu a uma escavação de carácter reactivo, norteadada por preocupações não especificamente científicas mas patrimoniais e urbanísticas.

Dos seus resultados apresenta-se agora uma sinopse, devotando uma atenção especial ao universo objectual patenteado pelos contextos quinhentistas e de inícios do século XVII, apresentados de forma sumária dado os constrangimentos da presente publicação.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O Largo do Chafariz de Dentro é uma das praças mais antigas de Lisboa e centralidade, de primeira importância, no bairro de Alfama. Como elemento fundamental na estruturação do mesmo temos, como o próprio nome indica, o Chafariz de Dentro, um dos mais antigos de Lisboa a par do Chafariz d’El-Rei, com referência textual de 1285 (Silva, 1987, p. 103), onde a estrutura hidráulica é designada dos “Cavalos”.

Existem duas explicações para a origem deste nome, a primeira, do século XV, segundo Fernão Lopes (1986, p. 204) teria a ver com a forma de cabeças de cavalo das bicas, de bronze, que ornamentavam o chafariz. Aquando do cerco de Lisboa por Henrique II de Castela, em 1373, os castelhanos tentaram levá-las como saque sem sucesso, porque Damião de Góis (1988, p. 49) refere

ainda existirem na centúria de Quinhentos.

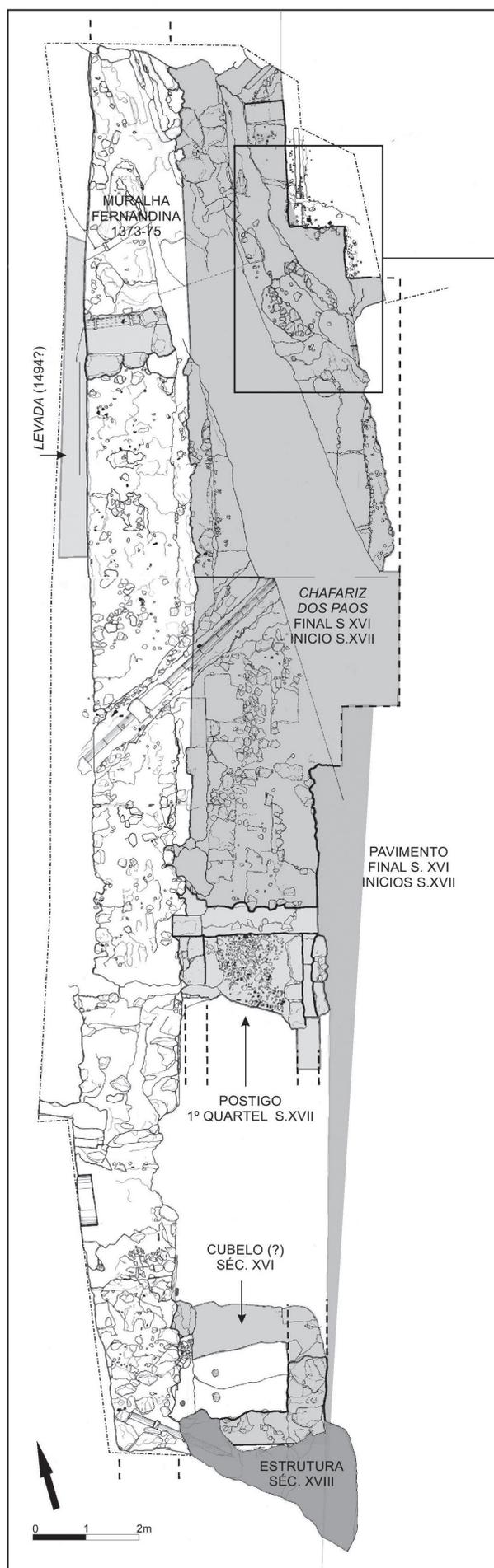
A segunda explicação, defendida por Francisco de Holanda (1984, p. 24) no século XVI, remete para a funcionalidade dos dois chafarizes, o de *El-Rei* destinava-se ao abastecimento da população, o dos *Cavalos* a saciar a sede dos animais. Na gravura de Leiden, da segunda metade desta centúria, o chafariz é representado com dois cavalos a beberem água. Seja qual for a razão para a origem do nome, esta designação desapareceu com o tempo.

Após o já referido cerco de 1373, o Rei D. Fernando promove, entre 1373/1375, a construção da chamada «Cerca Fernandina», para defender os arrabaldes da cidade há muito expandidos a ocidente e a oriente. O Chafariz dos Cavalos vai ficar integrado intramuros e começa a ser, igualmente, conhecido como *de Dentro*.

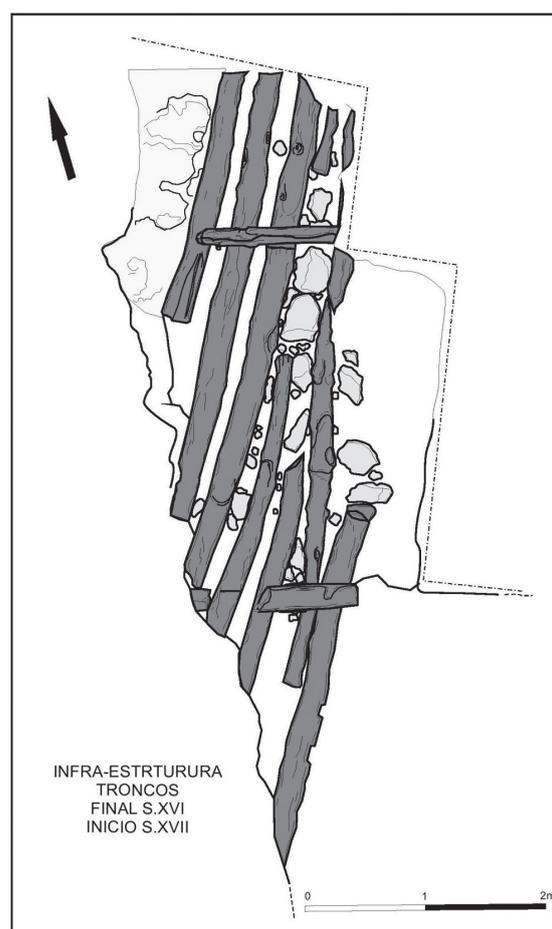
O troço de muralha construído no largo era ladeado por duas torres, ainda hoje podemos observar o local onde uma delas se encontrava, concretamente, no edifício da Rua do Terreiro do Trigo, n.º 2-4, que preserva a escadaria de acesso ao adarve da torre/muralha. Originalmente existia uma porta, nomeada *Porta do Chafariz dos Cavalos* ou de *Dentro*.

O chafariz sofreu obras de melhoramentos no reinado de D. João II (1494). Tendo em conta o caudal, o monarca solicitou a construção de um caneiro para a praia, extramuros, permitindo, assim, o abastecimento de água aos navios.

Estas obras tornam-se necessárias em plena época dos Descobrimentos e o bairro de Alfama vai fornecer a mão-de-obra à expansão marítima. A importância desta comunidade, ligada às actividades marítimas, vai reflectir-se na construção, em 1517, de uma ermida em honra de Nossa Senhora dos Remédios e de um



1. Plano das estruturas detectadas no Largo do Chafariz de Dentro.



2. Plano da infra-estrutura do embasamento do Chafariz dos Paos.

hospital anexo, para os pescadores chinchéus (pesca à rede) e para os pescadores linhéus (pesca à linha), nas imediações do Largo do Chafariz de Dentro.

No período Filipino a zona sofre grandes transformações, com o objectivo de maximizar o aproveitamento do manancial existente no Chafariz de Dentro. Assim, no lado oriental da muralha, extramuros, foi construído um aterro sobre a praia e edificado um novo chafariz, chamado dos *Paus* ou da *Aguada*. De acordo com os dados obtidos na presente intervenção arqueológica, que apontam para finais do século XVI, o propósito desta construção poderá estar relacionado com a necessidade de abastecimento da *Invencível Armada* que sairia de Lisboa em 1588. O novo chafariz vai desactivar o caneiro de D. João II e assegurar a *aguada* dos navios.

Poderá ser deste período a abertura de um novo postigo no pano de muralha, descrito pelas fontes como a "*porta que se abriu às lavadeiras*" (Silva, 1987, p. 102). A estrutura correspondente identificada no decorrer dos trabalhos arqueológicos deve ser a referida *Porta das Lavadeiras* já que o *tanque das lavadeiras* estava situado nas proximidades, concretamente, no Beco do Mexias, no local dos actuais tanques construídos em finais do século XX.

Em 1625, o município procede a uma vistoria às muralhas da cidade com o intuito de melhorar a sua defesa. Vai decidir, além de outras medidas, “*o postigo grande dos dous do chafariz dos Cavalos se tapara, e o piqueno ficara aberto e lhe porão portas*” (Oliveira, 1887, Tomo III, p. 170). Não sabemos se o trabalho foi integralmente executado, na planta de 1650 ainda estão representados os dois vãos, mas as evidências arqueológicas, designadamente um “entalhe” de encaixe na soleira, confirmam a colocação de uma porta no *postigo pequeno*. O *Postigo das Lavadeiras* vai definir, no largo, a fronteira entre as freguesias de São Miguel e de Santo Estêvão, que ainda hoje perdura apesar do desmonte da muralha no século XVIII.

Para além das obras de melhoramento realizadas no Chafariz de Dentro em 1622, em 1625 foi construído um novo chafariz na praia, à custa do real do povo, que ficou conhecido como *Chafariz da Praia*.

A construção dos dois novos chafarizes indicia, não só, o elevado caudal do Chafariz de Dentro como, também, o aumento da procura que tornou necessário maximizar o seu aproveitamento. Esta zona torna-se crucial no abastecimento de água da Lisboa seiscentista.

Eventualmente afectado pelo terramoto de 1755, em 1765 procede-se à demolição do troço de muralha frente ao largo e a pedra é reaproveitada na construção do novo edifício do *Terreiro do Trigo*. Um decreto de 1768 refere a necessidade de alargar a *Rua dos Remédios*, para melhorar o acesso à Baixa dos habitantes de São



3. Imagem geral da intervenção do LCD (2007/8).

Vicente, intervenção que acaba por se realizar em 1773 para fazer passar o coche do Patriarca para São Vicente de Fora¹. Esta obra incluiu o desmantelamento do remanescente da muralha, a oriente, e do *Chafariz da Aguada*. Já durante o século XIX, é construída a rede de drenagem – colector em cascão – e são reabilitados os dois chafarizes sobreviventes. A construção da Estação Elevatória da Praia, em 1868, no local do actual Museu do Fado, retira função ao *Chafariz da Praia* que acaba por ser demolido já no século XX. O Chafariz de Dentro mantém-se em funções até perto da década de 60 dessa centúria.

3. SINOPSE DOS RESULTADOS E FASEAMENTO

Fase I – Interface costeiro fluvial

A – Idade do Ferro (séculos VI – VIII a. C.)

Testemunhada pelos depósitos identificados na extremidade Norte da área intervencionada, no local dos alargamentos da sondagem 2 junto à face interior da cerca fernandina, de constituição arenosa, com intercalações areno-lodosas de coloração cinzenta e textura variável, contendo abundante espólio cerâmico que incluía cerâmica cinzenta fina polida, um bordo de ânfora Maña A4, pithoi e cerâmica maioritariamente feita a torno, de filiação mediterrânica/oriental;

B – Período Romano (séculos I a.C. – IV d.C.)

Atestado por dois depósitos idênticos e sobrepostos aos anteriores, de constituição mais grosseira (casca-lheira), onde foi recolhido espólio cerâmico maioritariamente de produção local/regional, um bordo de ânfora tirrénica Dressel 1A, fragmentos de terra *sigillata* sudgálica e africana clara dos grupos A e C e um fundo de ânfora do tipo “africana grande”.

Fase II – Interface costeiro fluvial com despejos detriticos artesanais (século XII)

Formado por uma potente U.E. (cerca de 0,60 m de espessura) justaposta ao primeiro depósito da fase anterior, integralmente composta por fragmentos de parede de forno e informes de argila, incluindo vestígios da modelação de um vaso de forma fechada e raros fragmentos de panelas, cântaros e pucarinhos, sobrecozidos e sem vestígios de pintura.

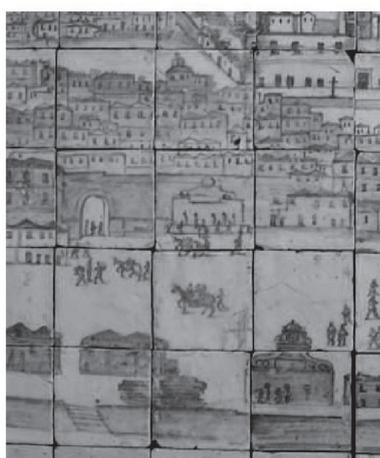
Fase III – Interface costeiro fluvial (séculos XIII – XIV)

Individualizado na extremidade Sul da área intervencionada, testemunhado por dois depósitos com diferentes altimetrias, o primeiro identificado a uma cota superior na zona da sondagem 5b, designadamente,

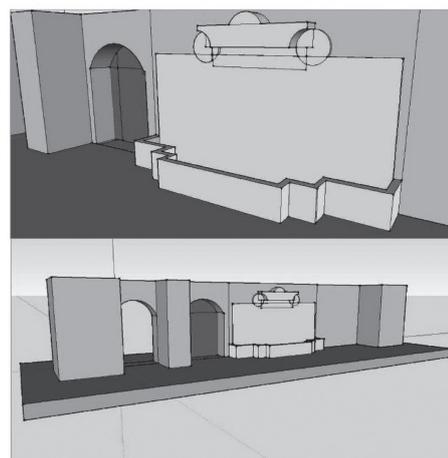
1. Informação manuscrita de Irisalva Moita (Museu da Cidade), baseada em manuscrito anónimo não identificado pela olisipógrafa.



4. Infra-estrutura de pinho do Chafariz dos Paos.



5. Pormenor do painel de azulejos Grande Panorama de Lisboa (Museu Nacional do Azulejo) mostrando o troço da muralha Fernandina do Largo do Chafariz de Dentro e o Chafariz dos Paos.



6. Proposta de reconstituição do troço de muralha e do Chafariz, com base nas evidências arqueológicas e no painel de azulejos.

um nível de cascalho incorporando madeiras trabalhadas e cerâmica comum de produção local/regional (essencialmente, panelas, cântaros e potes), o segundo localizado na zona do troço 4 e constituído por areias de coloração verde acinzentada; ambos “cortados” para receber o soco da muralha.

Fase IV – Instalação da Muralha Fernandina (1373-75)

Caracterizada pelo faseamento construtivo identificado, sobretudo, nas áreas das sondagens 3, 5, 5-b e do troço 4, designadamente a abertura da vala, a montagem da estrutura de cofragem em madeira (com parte do tabuado e dos postes cilíndricos preservados, estes últimos cravados numa U.E. de matriz arenosa, muito compacta e de coloração cinzenta clara), a construção do alicerce em alvenaria de pedra irregular, a montagem do andaime em madeira (testemunhado, igualmente, por postes cilíndricos cravados junto à face exterior da muralha) e a construção da super-estrutura com vestígios do lance de paramento em pedra aparelhada.

Fase V – Levada (1494)

Estrutura de caneiro que recolhia o excesso de caudal do Chafariz de Dentro; em articulação, foi adossada, à face interior da muralha, uma rampa construída em argamassa rica em cal, inclinada em cerca de 25%, para aproveitamento/encanamento das águas residuais.

Fase VI – Construção de cubelo? (século XVI)

Estrutura de configuração rectangular identificada na zona de implantação da sondagem 3, com uma largura mínima de 1,30 m e 1,70 m de profundidade confirmada, edificada em distintos momentos patentes na natureza das argamassas, correspondendo o mais ocidental ao mais recente apenas reconhecido no seu paramento interior.

Fase VII – Campanha de terraplanagem

(2.ª metade / final do século XVI)

Intervenção urbanística caracterizada por um aterro gerado num período curto com recurso aos entulhos urbanos acumulados na zona exterior da muralha, constituído por uma sucessão de tendência horizontal de U.E.s de matriz maioritariamente arenosa, mal calibrada, em alternância com três intercalações de matriz rica em matéria orgânica, revelando uma grande exuberância artefactual; desta intervenção resultou a desactivação da estrutura de cubelo(?).

Fase VIII – Preparação da instalação do Chafariz dos Paus (fim do século XVI, início do século XVII)

Assentando sobre as unidades estratigráficas integradas na fase anterior, desenvolvendo-se a partir da face exterior do pano de muralha em direcção à linha de água, identificou-se um embasamento a evidenciar um perfil reentrante, constituído por argamassa esbranquiçada rica em cal e blocos informes de pedra calcária e calco-arenito, que preenchiem uma infra-estrutura em madeira de pinho verde, construída com recurso a toros dispostos paralelamente e travados na perpendicular com recurso a cavilhas de ferro. O alicerce evidenciava, nas extremidades laterais, zonas aplanadas com rebarbas de argamassa, interpretadas como os negativos de assentamento dos elementos pétreos que constituíam a super-estrutura. A construção desactivou a estrutura de caneiro integrado na fase V.

Fase IX – Chafariz dos Paus e pavimentação da envolvente (fim do século XVI, início do século XVII)

Da super-estrutura restava, apenas, vestígios do paramento testemunhado pelos negativos de assentamento dos blocos pétreos, designadamente, as zonas aplanadas com rebarbas de argamassa observadas nas

extremidades laterais da base acima descrita. Em articulação, identificou-se um nível de pavimento constituído por seixo miúdo, fragmentos cerâmicos e grande quantidade de elementos metálicos, designadamente, alfinetes de toucado e/ou de indumentária(?), envolvidos numa argamassa rica em cal e matéria ferrosa que lhe atribuía uma consistência muito compacta e impermeável.

**Fase X – Abertura do “Postigo de Alfama”
(1.º quartel do século XVII)**

Na extremidade ocidental da estrutura hidráulica, exactamente no local onde os limites das freguesias de São Miguel e Santo Estêvão convergem, foi identificado um vão, originalmente, formado por uma estrutura de portal de que é testemunho uma das valas do respectivo umbral que se encontrava entulhada com os restos resultantes da demolição, incluindo elementos informes de calcário branco de média dimensão. A super-estrutura conservava o nível de pavimento em seixo miúdo batido com fragmentos cerâmicos, delimitado por duas áreas de soleira, em degrau, constituídas por blocos de calcário branco.

Fase XI – Campanhas de requalificação do espaço exterior do troço de muralha (final do século XVII, primeira metade do século XVIII)

Testemunhadas por dois níveis sucessivos de pavimentação em empedrado de seixo, sendo que o primeiro abrangeu a zona de circulação do postigo que foi revestida a seixo de menor dimensão. Também nesta fase, eventualmente em articulação com o primeiro nível de pavimento e de funcionalidade desconhecida, é edificado um maciço em alvenaria de pedra irregular, com recurso a argamassa de coloração alaranjada pobre em cal, que se desenvolvia a partir da face exterior do muro ocidental da estrutura de cubelo(?) já desactivada pelos trabalhos de terraplanagem.

Fase XII – Campanha de desmantelamento dos elementos estruturais (1765 e 1773)

Demolição parcial, praticamente até ao nível do alicerce, do troço de muralha e integral da super-estrutura do Chafariz dos Paus, com reaproveitamento da silharia testemunhado pelos negativos de assentamento preservados, essencialmente na base da estrutura hidráulica.

Fase XIII – Conformação do Largo e instalação de infra-estruturas (fim do século XVIII / início do século XIX até à actualidade)

Conformação do Largo do Chafariz de Dentro com recurso a terraplanagem, construção de infra-estrutura de drenagem (colector em cascão) que tem vindo a ser substituída desde finais dos anos noventa, pavimento

em calçada de basalto posteriormente substituído pela actual em granito, e instalação de arvoredos, entretanto removido.

4. A EVIDÊNCIA OBJECTUAL

4.1 As produções do Extremo Oriente

As importações provenientes do Oriente estão bem representadas no espólio, com uma generosa quantidade de porcelanas da dinastia Ming ainda não contabilizadas na totalidade, *celadon* e diversos fragmentos de *martabã*². Destaca-se no conjunto a presença de três fragmentos de celadon oriundos da China, pela primeira vez identificados em contextos arqueológicos portugueses, e uma rara marca em porcelana com a cruz de cristo.

4.1.1 Celadon da China

Três fragmentos distinguem-se por um vidrado verde e brilhante, algo transparente, a imitar o jade. A pasta, em grés, de cor cinzenta e bem depurada, é característica da região de Longquan (Sul da China), que se tornou o maior centro produtor deste tipo de cerâmica.

As primeiras produções remanescentes de celadon terão surgido no período das Seis Dinastias (220-580) (Goddio, et. al., 2002, p. 86), tendo-se aperfeiçoado a técnica e a variedade de formas ao longo da Dinastia Tang (617-907). Foi no período Sung (960-1279) que se deu o auge da produção de celadon com vidrados mais cuidados, apresentando uma variedade decorativa efectuada por meio de incisões detalhadas dando a ilusão de tri-dimensionalidade. Na sua essência, as formas eram pequenas, como taças e pratos.

A Dinastia Yuan (1279-1368) marca uma evolução para a produção de celadon, com a introdução de um novo método de cozedura que vai deixar marcas nas peças, funcionando como elemento cronológico. Trata-se de um anel sem vidrado no fundo e em alguns casos no bordo, que surge com uma cor avermelhada. Aparecem as grandes formas, como pratos e jarros, e a decoração começa a ser elaborada de modo mais acentuado com recurso a moldes que se articulam com as incisões.

O período Ming (1368-1644) caracteriza-se como a época em que a exportação de celadon para o Ocidente é maior, primeiramente pela Rota da Seda e, a partir de 1517, através dos contactos comerciais com os portugueses (Vainker, 1991, p. 143). A qualidade e quantidade da produção decrescem ao longo deste período, devido à maior popularidade da porcelana. As formas começam, de certo modo, a imitar as porcelanas,

2. Objecto de estudo por Sara Simões, vide artigo constante do presente livro.

principalmente as de maiores dimensões e, possivelmente, os potes de *martabã* (Goddio, et. al., 2002, p. 86). Surgem também mercados produtivos paralelos, fora da China, para colmatar o decréscimo da produção de origem chinesa, embora com qualidade de vidro e de pastas nitidamente inferior (*idem*, p. 88).

O fragmento n.º 6 (fig. 7), corresponde a um jarro ou pote de grandes dimensões com a decoração de um dragão entre nuvens aplicado a molde. Apresenta um vidrado não muito cuidado e ausência de revestimento no pé anelar. Trata-se de uma peça do século XVI, em plena dinastia Ming, período em que a produção de celadon já não tinha o cuidado de épocas anteriores. Não foram encontrados paralelos exactos para esta forma em *celadon*, mas existe uma peça com uma morfologia semelhante e o mesmo tipo de decoração em *martabã* na Casa-Museu Guerra Junqueiro, no Porto (Impey, 1992, p. 14). O fragmento n.º 7 (fig. 7), corresponde a um prato igualmente de grandes dimensões com uma decoração parcial de flor de Lótus incisa. O vidrado é fino e foi

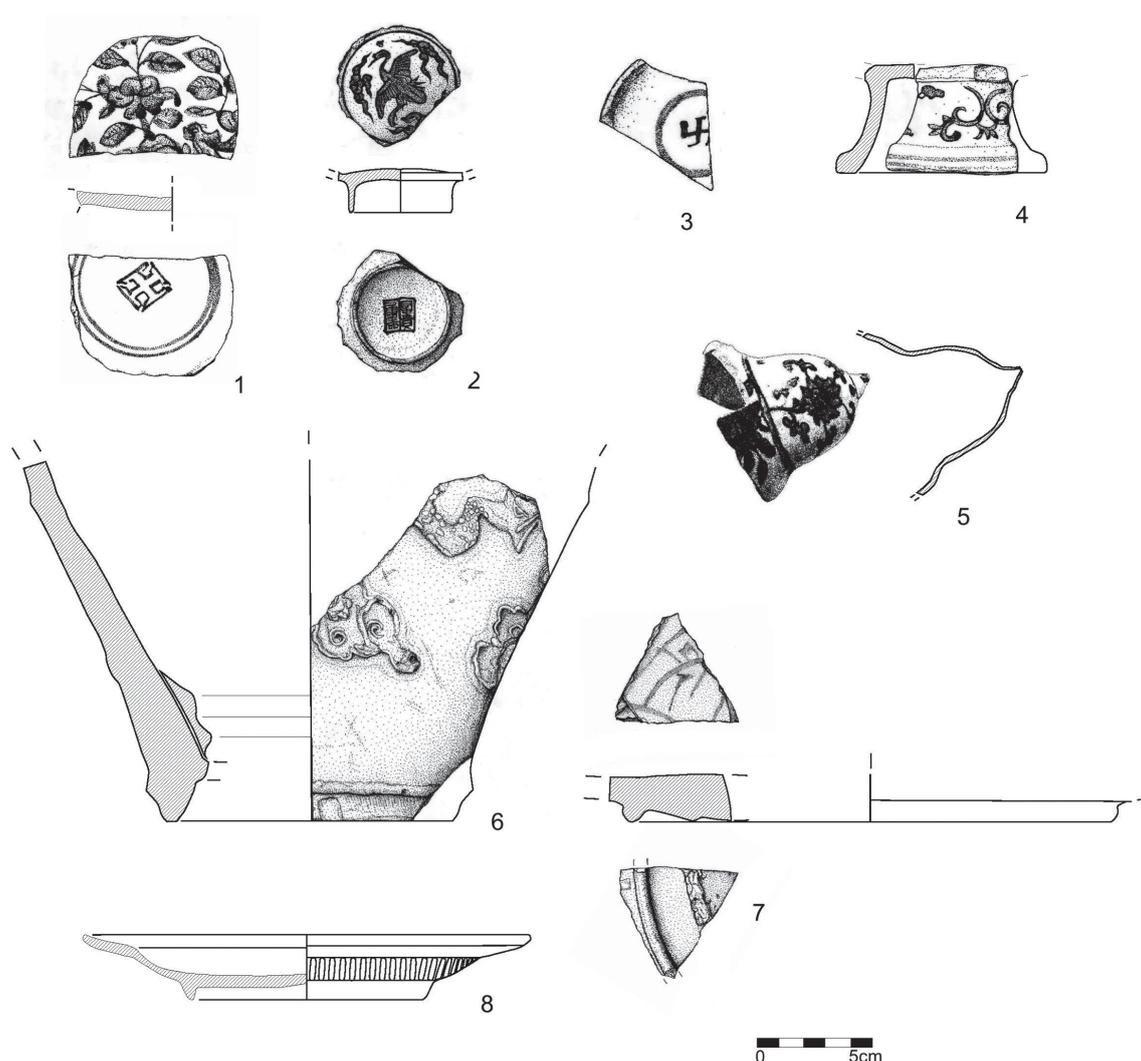
aplicado com algum cuidado, apresentando-se, também neste caso, ausente no fundo. Os paralelos apontam para a segunda metade do século XIV ou inícios do século XV, período Ming inicial, ainda com influências decorativas do período Yuan (Goddio, et. al., 2002, p. 198, fig. 251; Posselle, 1999, n.ºs 78 e 79).

O terceiro fragmento, de menores dimensões, apresenta um vidrado com «*craquelé*» e parece pertencer a uma pequena taça datável do século XVI.

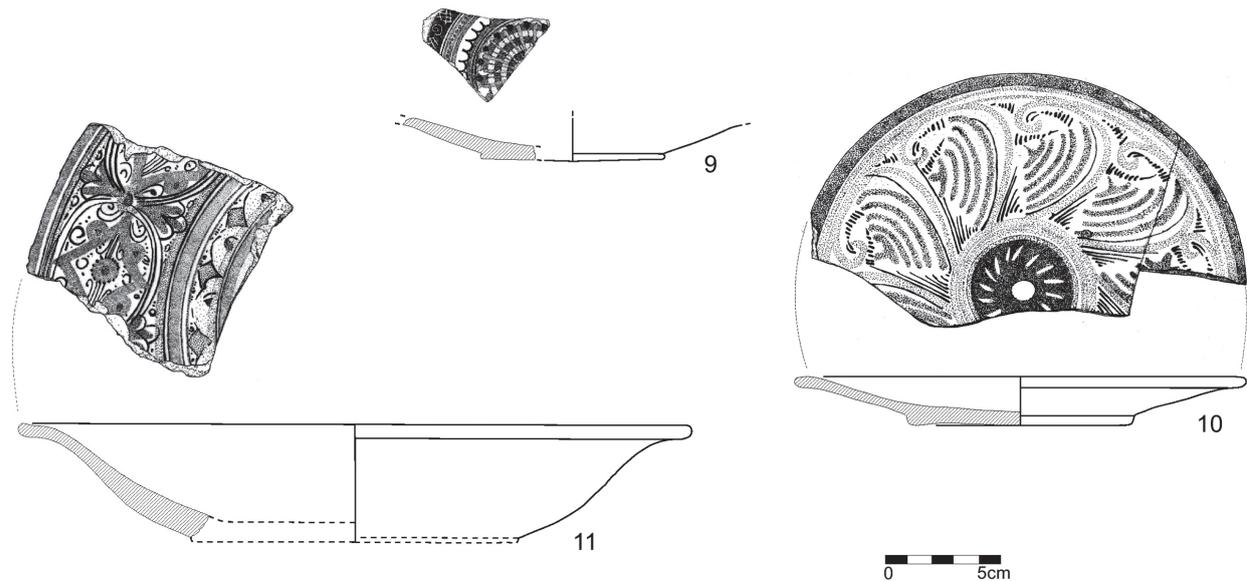
Pela análise macroscópica das pastas e do vidrado do pequeno conjunto, atribui-se como origem os fornos de Longquan (Goddio, et. al., 2002, p. 86.).

4.1.2 Porcelana da China

Do vasto conjunto de fragmentos recuperados já foram analisados, até à data, 71 exemplares. Em termos cronológicos, concluiu-se que 39 das peças pertencem à Dinastia Ming (século XVI, primeiro quartel do século XVII), 1 é integrável no período Zhegde (1506-1521), 27 no Jiajing (1522-1566), 3 no Wanli (1573-1619) e 1



7. Porcelana Ming (n.ºs 1 a 5); Celadon da China (n.ºs 6 e 7); Possível prato de porcelana *Fahua* (n.º 8).



8. Majolicas de Montelupo (n.ºs 9 a 11).

no Tianqi (1621-1627). Das 24 marcas identificadas, 20 apresentam-se totalmente preservadas.

Deste modo, a marca *Ch'ang Ming fu gui (ou kwei)* "longa vida, riqueza e honrarias" surge em 6 exemplares; *Fu kwei ch'ang ch'un* "votos de riqueza, honra e Primavera longa" surge em 3, tal como *Fu gui jia qi* "vaso fino para alguém rico e nobre"; 2 casos ostentam *Da Ming nian zao* "feito na grande Dinastia Ming" e outros 2 *Yü t'ang chia ch'i* "Um bom recipiente da oficina Jade". Finalmente, com apenas 1 registo, encontram-se as marcas *Yung ch'ing ch'ang ch'un* "votos de prosperidade eterna e Primavera longa", *Ta Ming T'ien Ch'i nien chih* "feito no período Tianqi da grande dinastia Ming" e *Jing zhi* "fabrico requintado". Outro fundo apresenta uma cruz suástica (fig. 7, n.º 3), o símbolo budista do coração de Buda (Matos, 1996, p. 279), pouco frequente em contextos europeus e que significa longevidade sem fim "wan show".

De grande relevância é a presença de um fundo com uma Cruz de Cristo, que atesta a presença de peças feitas por encomenda para o mercado português (fig. 7, n.º 1).

Em termos formais predominam as taças de pequena dimensão e os pratos, embora surjam alguns fragmentos pertencentes a formas de maior dimensão, como uma tampa, uma porção de bojo de *mei ping* e um bico de *kendi* (fig. 7, n.º 5), esta última pouco atestada em contextos arqueológicos.

Com a chegada dos Portugueses à China, em 1517, a cerâmica importada para o Império era dominada pela porcelana azul e branca. As formas mais pequenas, com um custo mais acessível à grande maioria dos mercadores e dos marinheiros que participavam nas viagens ao Oriente, rapidamente se popularizaram no Ocidente. As formas de maiores dimensões, como os

mei ping ou os *kendi*, tal como as peças feitas por encomenda representadas aqui pelo símbolo da Cruz de Cristo, só seriam acessíveis às elites.

4.2 Importações europeias

4.2.1 Majólica italiana

A presença de cerâmicas esmaltadas oriundas de Itália encontra-se bem atestada, com um conjunto de fragmentos presentemente em estudo e ainda não contabilizado. Uma primeira análise determinou a identificação de exemplares originários dos centros oleiros de Montelupo, Deruta, Faenza ou Veneza e da região da Ligúria.

O centro de Montelupo é o que se encontra melhor representado, com fragmentos de pratos e taças do final do século XV e primeira metade do século XVI, com uma simplicidade decorativa de elementos geométricos e florais aplicados com cores vivas que tornaram estas produções populares. Este tipo de decoração, mais simples, permitiu a produção em série sem perda de qualidade e, conseqüentemente, um custo mais baixo, possibilitando uma difusão mais ampla do que as peças elaboradas de Deruta ou Urbino (Carta, 2008, p. 133).

A imigração de artesãos para a Holanda, no século XVI, transportou esta técnica para a região, dificultando a identificação da proveniência sem análise das pastas. Do padrão do exemplar patente na fig. 8, n.º 10, existem paralelos em Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 191, fig. 40; p. 192, fig. 41), Granada (Carta, 2008, Lám. XLVIII, a, b) e Sevilha (Muños e Cambra, 1999, p. 165, fig. 15), em que o que muda é a ordem das cores aplicadas.

O prato da fig. 8, n.º 11, tem paralelo em Granada (Carta, 2008, Lám. XXXII, b, c e XXXVII, a).

De Deruta, já foram identificados dois fragmentos que se podem integrar nos modelos decorativos da primeira metade do século XVI.

Foi reconhecido um fragmento de bordo de um prato de grande diâmetro, com duas bandas com motivos vegetalistas e o reverso preenchido a dourado. É semelhante a um exemplar presente em Lyon (Fiocco, Gherardi e Sfeir-Fahkari, 2001, p.126), datado da primeira metade do século XVI, e em Florença (Benini, 1989, p. 42), datado de 1520. Um outro fragmento contém o motivo de *escamas*, também denominado de *occhio di penna di pavone* (Carta, 2008, p. 147), semelhante ao que surge nos exemplares acima referidos.

As oficinas de Faenza e Veneza apresentam semelhanças em alguns estilos, tornando difícil a identificação de alguns fragmentos. Isto deve-se à presença, em Veneza, de artífices provenientes de Faenza que, no século XVI, levaram o *Stile Bello* (Liverani, 1960, p. 40), composto por elementos monocromáticos azuis com pinceladas brancas sobre um fundo azul ou azul-acinzentado – o esmalte *berretino* – inspirado na porcelana chinesa (Carta, 2008, p. 95). Foi detectado um fragmento que apresenta parte de um elemento vegetalista neste estilo decorativo mas a dimensão reduzida não permite propor com rigor uma origem, embora se encontrem paralelos faentinos contendo elementos semelhantes (Fiocco, Gherardi e Sfeir-Fahkari, 2001, p. 32 a 37; Watson, 1986, p. 48-49) com uma cronologia que varia entre 1524 a 1540.

As majólicas provenientes da Ligúria, que inclui os centros de Génova e Savona, apresentam linhas geométricas e vegetalistas em azul sobre esmalte azul pálido ou azul mais vivo, feitos com pincel fino e grande cuidado. A presença de uma grande comunidade genovesa em Sevilha, no século XVI, fez com que surgisse uma produção local de peças, esteticamente, semelhantes aos modelos ligures. Este aspecto torna, muitas vezes, difícil a atribuição de uma origem aos fragmentos recuperados arqueologicamente.

No Largo foi recuperado um grande conjunto de fragmentos com estas características decorativas, ainda sem quantidade definida. Apenas uma análise detalhada de todos os exemplares irá determinar qual das duas oficinas é mais representativa, o que será interessante para compreender os contactos de Lisboa com estes dois pontos, sendo lógico assumir que a presença sevilhana será mais significativa pela proximidade geográfica e relações comerciais.

O dinamismo comercial entre Lisboa e a Itália ao longo do século XVI encontra-se bem representado neste conjunto. O desejo do luxo e da ostentação de riqueza originou a aquisição de peças decorativas esmaltadas da Península Italiana. Podemos desde já reiterar a maior presença de peças com decoração mais simples, como

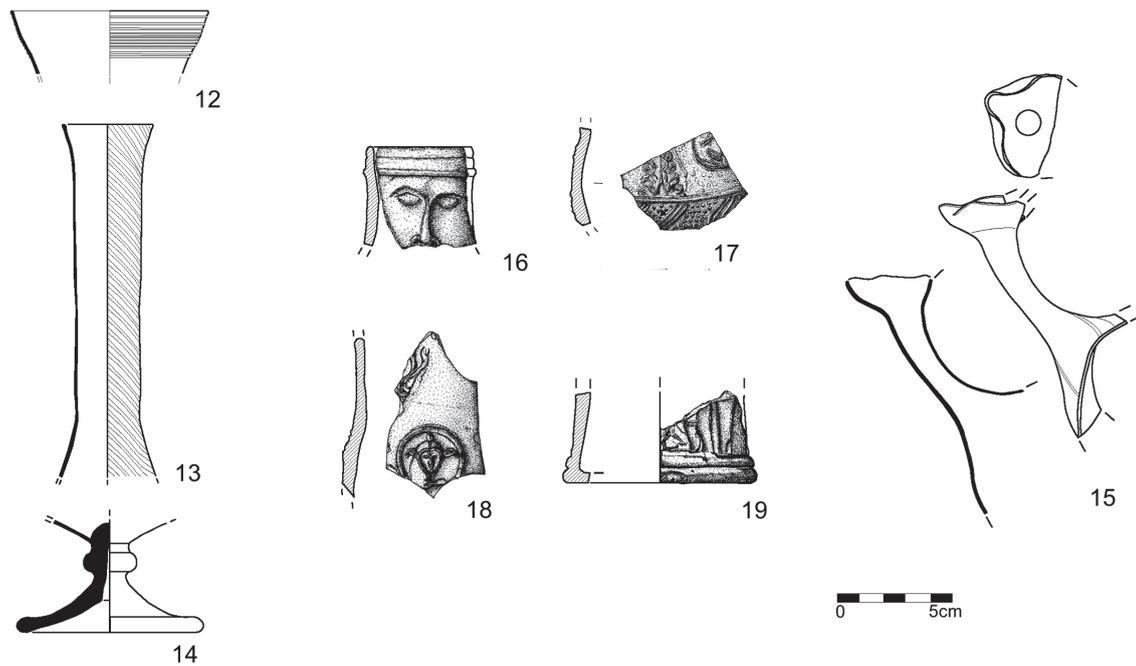
é o caso das produções de Montelupo e da Ligúria, ainda que de grande qualidade mais acessíveis, face às formas com decorações mais elaboradas de Deruta e Faenza ou Veneza.

4.2.2 Stoneware Germânico

O *stoneware* foi pela primeira vez desenvolvido na zona do Reno no final do século XIII, com a técnica do vidrado de sal a ser introduzida mais tarde, sendo as formas lisas dos séculos XIV e XV largamente difundidas nos Países Baixos, nas províncias de Flandres, Holanda e Brabante, com centros de produção em Nijmegen, Dordrecht e Bruges (Gaimster, 1997). Julgado de origem flamenga e holandesa até ao século XIX, só a partir de 1878 é que se passou a admitir, também, a sua origem em Siegburg, a sudoeste de Colónia (Klinge, 1996). Rica e elaboradamente decorado com relevos aplicados em Colónia e Frechen, Siegburg, Raeren e no Westerwald, a partir dos séculos XVI e XVII cada cidade e distrito tinha o seu estilo próprio, que as individualizava nem que fosse pelo tipo de material e acabamentos utilizados, apesar de poderem ser apontados vários casos de influências recíprocas. Entre o século XVI e finais do século XVII, ao longo do rio Reno, foram produzidas canecas e jarros, designados como “*Belarminos*”, caracterizados pela representação de faces em relevo e fabricados com a técnica do vidrado de sal.

A diversidade de contextos arqueológicos no qual o *stoneware* germânico é encontrado, de palácios reais, castelos e mosteiros às casas de mercadores e cabanas de camponeses, enfatiza a sua importância como uma fonte histórica através do espectro social (Gaimster, 1997). Dos 86 fragmentos que compõem a amostragem, 60 são fragmentos de paredes, 13 de fundos, 9 de bordos e 4 de asas, correspondendo os fragmentos onde a decoração está ausente a 67% do total. Entre aqueles que preservam decorações aplicadas contam-se 3 com “*faces de Belarmino*”, 3 com vestígios de barba, 4 com folhas, 5 com bolotas, 1 com uma folha e um pássaro, 3 com frisos com festões, 1 com medalhão com figura antropomórfica, 1 fundo com digitação e 7 com decoração aplicada indefinida.

O conjunto apresenta uma heterogeneidade em termos de pastas e de tratamento de superfície que denuncia, com probabilidade, distintos centros produtores: uns têm a superfície com aglutinação de vidrado de sal, outros apenas com engobe e os restantes com engobe com um grau de vitrificação baixo. Através da análise da coloração das pastas e dos vidrados e seu cruzamento com os motivos das decorações aplicadas, mais representativos de cada centro produtor, é possível definir: para o fragmento n.º 18 (fig. 9), que apresenta um “*medalhão*” de “*bobo*”, uma origem, altamente provável, em Sieburg e



9. Vidros de produção italiana (n.ºs 12 a 15); Stoneware germânico (n.ºs 16 a 19).

cronologia de c. 1574-1577; para o fragmento n.º 17 (fig. 9), com um “festão” e vestígio de um “medalhão” com busto masculino, uma procedência de Colónia com uma cronologia que se estende por todo o século XVI; para o fundo n.º 19 (fig. 9), que apresenta a forma típica da caneca alta do tipo *Jacobakanne*, apropriada à ingestão de cerveja, uma proveniência segura de Sieburg e cronologia de c. 1560; finalmente, para o bordo n.º 16 (fig. 9), com a representação de parte da “*face de Belarmino*”, uma produção de Colónia/Frenchen, de inícios do século XVI.

4.2.3 Vidro europeu

Senhora da produção de vidro após o declínio do Islão, dominando o mercado europeu renascentista até finais do século XVII – com o aparecimento do *flint glass* ou *lead glass* inglês – a tecnologia veneziana dos vidros muranos, herdada da estética oriental, bizantina e islâmica, distingue-se da congénere da Europa central e setentrional quer pela molduração dos perfis em curvas e contracurvas, dos bocais em forma de funil e dos bicos triangulares/trilobados, das asas profusamente trabalhadas à pinça ou pregueadas, quer pela variedade da cor do vidro e do recurso a modalidades decorativas requintadas (Ferreira, 2004).

No espólio vítreo, muito fragmentado e pouco representado em comparação com as produções cerâmicas, predomina o vidro de origem italiana, sobretudo o incolor ou transparente tingido a verde com decoração canelada por sopragem em molde, em menor número o *crystallo* que ostenta a «decoração branca» – quer com recurso à técnica do *latticino*, quer do

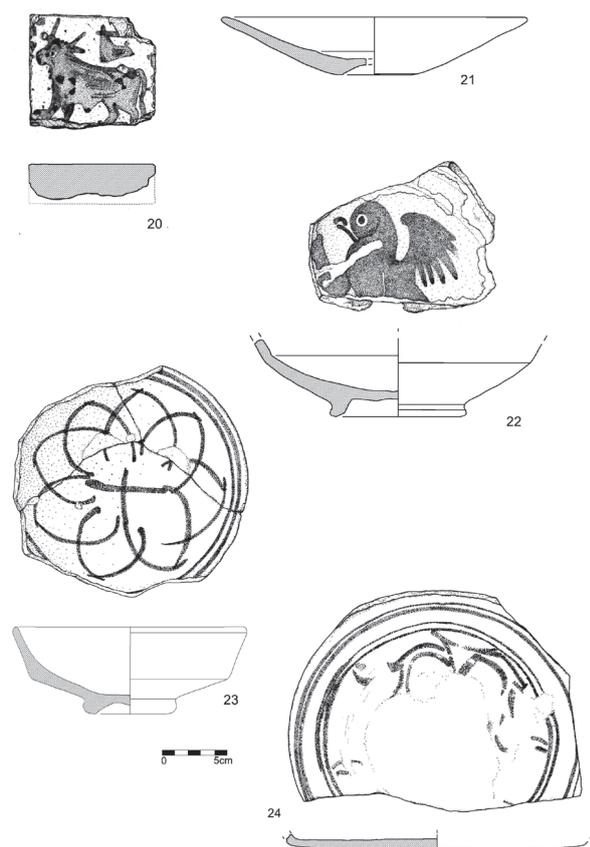
vidro filigranado –, o vidro *millefiori* e a presença de vidro opaco vermelho lacre, ou *sang-de-boeuf red* com fio branco aplicado, neste caso um fabrico germânico, origem escassamente representada.

As formas mais representadas são os contentores destinados a servir líquidos à mesa, designadamente, as garrafas aqui ilustradas por três indivíduos, sendo o primeiro constituído por bocal e arranque de pança em vidro opaco branco, decorado com caneluras horizontais a demarcar o bocal do ombro (fig. 9, n.º 12), o segundo constituído por bocal, colo alto e estreito e arranque de pança periforme, fabricado em vidro transparente tingido a verde (fig. 9, n.º 13) e o terceiro constituído por um bocal com bico triangular/trilobado, com colo estreito e inclinado e arranque de pança de forma ovóide, em vidro incolor (Estampa 3, n.º 15). De uso individual, assinala-se a presença de uma base discóide de taça com pé curto e botão de ligação à copa, eventualmente pouco funda e de parede esvaziada, em vidro transparente tingido de verde (fig. 9, n.º 14).

4.3 Produções Espanholas

4.3.1 Cerâmica de mesa

Bem representadas no conjunto, denotando intensos contactos comerciais com as principais oficinas de cerâmica meridionais peninsulares, evidenciam-se as produções andaluzas, sobretudo representadas pelas taças carenadas, com pé em anel, e pelos pratos com decoração a motivos fitóides em azul cobalto sobre superfície esmaltada a branco, fabricadas em Sevilha entre os séculos XV e XVI (fig. 10, n.ºs 23 e 24).



10. Azulejo de Valência (n.º 20); Prato esmaltado de produção espanhola (n.º 21); Taça de produção *Santo Domingo blue on white* (n.º 22); Escudela esmaltada de produção sevilhana (n.º 23); Alguidar (?) de produção sevilhana (n.º 24).

Destaca-se o prato esmaltado a branco com o fundo decorado por quatro grandes bolbos, em forma de trevo, contornados por traços finos com recurso à cor dourada de tom avermelhado, conseguida pela utilização excessiva de óxido de cobre e pouca quantidade de sulfureto de prata, que assinala a presença discreta das produções valencianas que recorrem à técnica decorativa do «lustro dourado» ou «reflexos metálicos», preenchendo extensivamente as peças com decoração floral, geométrica e/ou epigráfica, fabricadas pelas oficinas de Paterna e Manizes. Estas peças, produzidas a partir da segunda metade do século XV, antecedem o período de declínio da produção nos meados do século XVI, preteridas pelas majólicas italianas e holandesas e pelo *stoneware* germânico, alterações de gosto que resultam da expansão dos ideais renascentistas (Gomes e Gomes 1991, 1996a). De referir, ainda, as produções sevilhanas de tipo «*Santo Domingo blue on white*», aqui ilustradas pelo fragmento de fundo e parede de uma taça carenada com pé anelar, apresentando a superfície interior decorada com o tema central da ave, «*o pardalot*» (fig. 10, n.º 22), típico das produções catalãs e valencianas da segunda metade século XVI e primeiro quartel do

século XVII. Estas peças, que parecem derivar das escudelas tardias esmaltadas de cor branca, apresentam uma evolução formal que consiste no progressivo desaparecimento da carena e crescimento/individualização do pé anelar (Idem, 1996b).

4.3.2 Azulejo e lambrilhas

Os fragmentos dos azulejos recolhidos são, na sua maioria, os denominados «*hispano mouriscos*», de cor da seca e de aresta, produzidos em Sevilha durante o século XV e XVI, não sendo de excluir a possibilidade que alguns terem sido produzidos nos arredores de Lisboa, caso dos fornos da Quinta de Santo António da Charneca, no Barreiro (Barros, Cardoso e Gonzalez 2003, p. 295).

Dos 25 fragmentos analisados documentam-se três tipos distintos: 3 de corda seca com decoração geométrica de estrelas e laçarias de inspiração mudéjar, datáveis da segunda metade do século XV/princípios do século XVI, com paralelos no Palácio Nacional de Sintra, Museu do Azulejo e Igreja de Santa Maria em Abrantes; 21 de aresta, com decoração geométrica e vegetalista, de influência medieval e em alguns casos já renascentista, datáveis da primeira metade do século XVI, com paralelos na Sé Velha de Coimbra, Palácio Nacional de Sintra e Convento da Conceição em Beja; 1 fragmento de aresta, com vidrado monocromático verde e decoração relevada geométrica de inspiração mudéjar, da primeira metade do século XVI, com paralelo no Palácio Nacional de Sintra e Convento de Santa Clara no Funchal.

Para além dos exemplares referidos, acrescentam-se duas lambrilhas de produção valenciana (Manizes) do século XV, cuja técnica consiste na aplicação de um engobe branco que é coberto por vidrado estanífero para reforçar a opacidade, com decoração realizada a azul-cobalto. Num deles (fig. 10, n.º 20), observa-se a representação de um boi e de um arado, em outro, incompleto, uma decoração vegetalista com moldura geométrica. Este tipo de peças era utilizado nos pavimentos, intercaladas com tijoleira. Em Portugal temos os exemplos, *in situ*, do Paço dos Duques de Beja, do Palácio Nacional de Sintra e do Museu do Azulejo.

De referir, ainda, a surpreendente inexistência de outro tipo de produção azulejar quinhentista nestes contextos, como enxaquetados ou majólica.

4.4 Produções Portuguesas

4.4.1 Cerâmica «moldada» e pedrada

O contributo da intervenção do Largo do Chafariz de Dentro para o conhecimento das produções «finas» em epígrafe, elaboradas em barro vermelho no território

português possivelmente desde finais do século XV, segundo Olinda Sardinha (1999, p. 191), limita-se à comprovação da sua circulação na capital durante o final do século XVI, dado os exemplares se apresentarem geralmente bastante fragmentários, impedindo-nos assim de enriquecer o conhecimento sobre o panorama das morfologias.

A excepção corresponde a um potinho que ilustra as técnicas decorativas em voga na cerâmica denominada “moldada” quinhentista lisboeta (fig. 11, n.º 28), depressões simples que ornaram a copa do vaso. Ilustra-se um outro exemplar de colo alto e bordo saliente horizontal, em cuja face exterior do lábio foram aplicados botões plásticos depois impregnados de mica, técnica bem atestada noutras latitudes setentrionais, como o Prado (Guimarães). Registe-se neste grupo a ausência das formas bem conhecidas e vulgarizadas nos contextos seiscentistas, bastante mais “barrocas”, o que necessariamente se reveste de significado cronológico para a composição dos contextos e para a datação dos vasos mais sofisticadamente ornados.

Carácter distinto assume um fragmento de cerâmica pedrada com decoração fitomórfica incisa no fundo interno de um vaso em barro vermelho local/regional, que vem corroborar as datações atribuídas por Lapa Carneiro (Carneiro, 1989) a este tipo de fabricos, por enquanto não atestado em contextos arqueológicos com segurança anteriores ao segundo quartel do século XVI. Esta informação deverá ser colocada em paralelo com uma tampa-miniatura em barro vermelho, ostentando decoração incisa fitomórfica islâmica oriunda do Alhambra (Granada), datada dos séculos XV-XVI (Flores Escoboza, 2007, 202, n.º 98), denunciadora de uma possível influência ou até origem mudéjar, e a atestação de dois exemplares pedrados e incisos elaborados nos fornos da Mata da Machada (Barreiro), publicados pela investigadora portuguesa que mais se tem dedicado à matéria, Olinda Sardinha, datáveis dos finais do século XV-meados do século XVI (Sardinha, 1999, p. 188-189).

4.4.2 “Cerâmica comum vidrada”

O conjunto de cerâmica vidrada, sobretudo utilizando o verde plumbífero, apresenta-se nos contextos em análise representado por uma panóplia de formas muito limitada, correspondendo na maioria dos casos a fabricos elaborados localmente, atribuição feita com base nas características macroscópicas observáveis nas pastas.

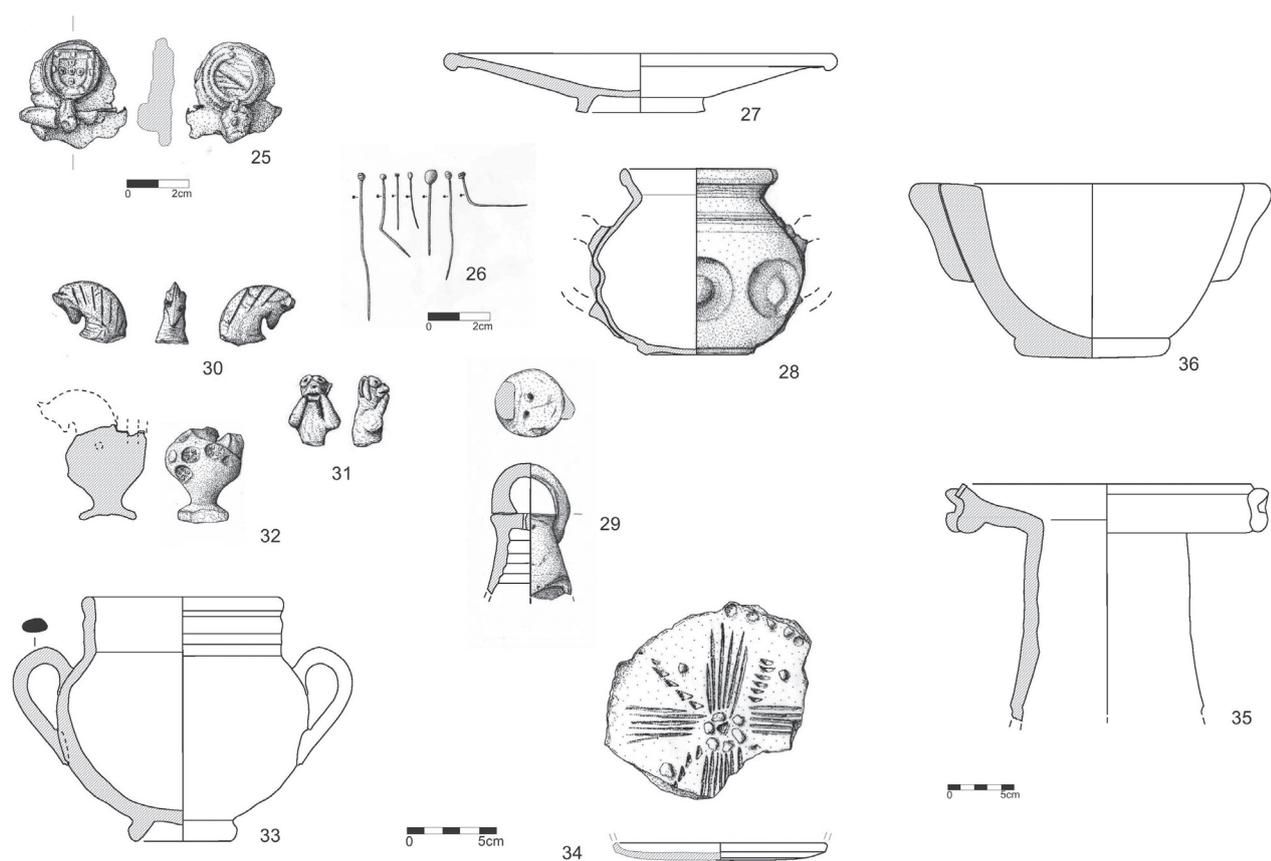
Destaca-se como morfologia predominante neste grupo o multifuncional alguidar dotado de revestimento exterior de coloração verde, de tonalidades maioritariamente escuras, lábio pendente e extrovertido, fino resalto interior abaixo do bordo, frequentemente com traços de corda de fibra impressos na parte superior do

lábio. Os fundos planos, com vestígios da aderência de areias, denunciam a secagem dos recipientes no espaço produtivo.

As pastas são calcárias e apresentam-se de tonalidades amareladas ou vermelhas, por vezes com cambiantes rosadas, depuradas, de textura foleácea tendencial, duras ou de dureza mediana, com inclusões quartzíticas, micas, cerâmica moída e nódulos de óxido de ferro vermelho escuro-acastanhado, ostentando pequenas fendas e alvéolos e, raramente, cavernas. Estas características aproximam-nas das observáveis noutras formas cerâmicas rejeitadas recolhidas em contexto de desperdício da actividade oleira como o documentado na intervenção arqueológica das Terceiras do Marquês (Santos, Lisboa), situável já no século XVII³, como na azulejaria de fabrico lisboeta dos séculos XVII e XVIII, pelo que uma elaboração nas olarias da parte oriental de Lisboa (Mangucci, 1996) se afigura como bastante provável. Ainda assim, a ausência de análises arqueométricas aconselha prudência na atribuição de origem genérica aos alguidares com estas características, podendo uma parte deles resultar de importações da parte meridional espanhola, das áreas de Sevilha, Málaga, Valência e Almeria, por exemplo. As tigelas de copa hemisférica e bordo ligeiramente espessado, como também os potinhos de colo desenvolvido com múltiplos ressaltos, corpo globular alongado e asas de fita paralelas ao bordo (fig. 11, n.º 33), ambas de pé de anel e revestidas a vidro verde no exterior e tendencialmente melado no lado interno, espesso, ocorrem em quantidades mais reduzidas neste registo de finais do século XVI/primeiras duas décadas do XVII. Dadas as suas características técnicas, ambas as formas poderão ter sido utilizadas em conjunto ou para fins similares, sendo possivelmente relacionáveis com produtos alimentares que exigiam elevado isolamento do recipiente, talvez mel, marmelada, compotas, geleias e doces. Parece aliás poder entrever-se esta utilização na iconografia, nomeadamente nas “naturezas mortas” seiscentistas, onde este tipo de potes surge fechado por tecido (linho?) depois alvo de amarração, justificando desta forma a modelação do colo e a forma de aplicação das duas asas.

As pastas de coloração avermelhada, textura foleácea, duras, com e.n.p. sobretudo quartzosos e micáceos, apresentando-se a fractura irregular, apontam igualmente para uma origem local e regional de Lisboa, entendimento reforçado pela sua atestação fora da cidade em contextos da Época Moderna coevos de Almada (Sabrosa, 1992; Sabrosa e Santos, 1992) Sesimbra (Carvalho

3. Intervenção de 2009 da responsabilidade de um dos autores (R.B.S.), em curso de publicação com Maria Luna Watkins.



11. Selo em chumbo da Alfândega (n.º 25); Alfinetes (n.º 26); Prato-tampa em cerâmica comum (n.º 27); Pote em cerâmica comum fina (n.º 28); Badalo ou sino em cerâmica comum (n.º 29); Cabeças de animais em vidro verde (n.ºs 30 e 31); Corpo de apito em vidro verde (n.º 32); Pote de mel em vidro verde (n.º 33); Cerâmica pedrada (n.ºs 34 e 35); Almofariz (n.º 36).

e Fernandes, 1992) e Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999). O achado de escassos recipientes cilíndricos de bordo saliente horizontal, fundo plano e asas de fita, vidrados, corresponde a raros exemplares de bacios/vasos de noite/bispotes. Trata-se, certamente, de uma formulação mais requintada de formas correntes, presentes em fabrico de barro vermelho, cuja origem deverá ser entendida como incerta. De facto, o revestimento estanífero esbranquiçado que recobre as paredes externas, e o vidro plumbífero verde dos cordões plásticos sinusóidais, aplicados também no exterior, relacionam directamente estes objectos, como referimos escassamente representados nos contextos, com produções meridionais hispânicas, sendo uma técnica ornamental da cerâmica bastante aplicada em produções oleiras específicas mudéjares de Granada (Marinetti Sánchez, 1998).

4.4.3 Brinquedos e apitos

Um conjunto de elementos correspondentes a bonecos e apitos foi recolhido nos contextos que vimos abordando do Largo do Chafariz de Dentro. Um pri-

meiro grupo de objectos fragmentários corresponde a representações coroplásticas de equídeos, estando também atestados um cão e um antropomorfo, elaborados em barro vermelho com revestimento plumbífero a verde (fig. 11, n.ºs 30 e 31).

A ocorrência encontra paralelo nos exemplares recolhidos no antigo Palácio dos Condes da Guarda e no Beco dos Inválidos, em Cascais, onde se documentaram também um equídeo, um antropomorfo, um cão e um "corpo de animal", que os autores classificaram como "bonecos" (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 196 e 212). No segundo dos locais o achado verificou-se em associação com numismas de baixo valor de D. João III e D. Sebastião, o que conduziu os investigadores a uma proposta de cronologia situada no 2.º e 3.º quartel do século XVI (idem, p. 195). A política monetária da dinastia filipina, em que se cunhou quase exclusivamente ouro e prata, levou a que este tipo de moedas de baixo valor, então abundantes, conhecesse uma circulação muito ampla no tempo, perdurando até ao reinado de D. João IV. Assim, qualquer datação contextual arqueológica aferida a partir de elementos numismáticos

do período situado entre o último terço do século XVI e os meados do século XVII deverá admitir balizas cronológicas mais alargadas ou fundar-se noutros pressupostos. Nesse sentido, a intervenção de Alfama veio contribuir para uma melhor fixação da datação deste tipo de elementos.

Noutro sentido, um outro exemplar colectado no Largo do Chafariz de Dentro apresenta uma base em bolacha, um pé espesso encimado por um corpo vasado internamente, apresentado uma perfuração *prae cocturam* e terminando num arranque de colo tubular (fig. 11, n.º 32). Este corpo fragmentado detém paralelo exacto num outro da Ribeira (Santarém), recolhido de forma desconcontextualizada, quase completo e inédito⁴, que culmina numa cabeça de equídeo em tudo similar às de Lisboa e Cascais. O corpo da peça ribatejana também ostenta sob o vidro esverdeado a mesma decoração estampilhada, aplicada de forma repetidamente aleatória, como no caso lisboeta, e um orifício no corpo e o arranque de uma extremidade tubular, esclarecendo, portanto, que os objectos correspondem a apitos de água.

Os apitos de água, alguns dos quais de iconografia zoomórfica, surgem documentados arqueologicamente em contextos meridionais hispânicos desde a Época Almóada-Nasri, em Granada e Almeria, nalguns casos com morfologia, coroplastia e modelação aproximada (Flores Escoboza, 2007), e Guilherme Cardoso e Severino Rodrigues haviam já mencionado ocarinas com a forma de cavalo marinho elaboradas em Alenquer nos meados do século XVI, aventando esta origem para a produção, embora sem citar a fonte da informação (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 196).

Um último objecto enquadrável neste âmbito foi identificado no local. Fragmentário, elaborado em barro vermelho regional, corresponde à parte superior da câmpula de uma campainha de pequena dimensão, que ostenta duas perfurações no topo, elaboradas para a suspensão do badalo a partir de arame ou fibras, conservando o aro de suspensão (fig. 11, n.º 29). Em fabricos e morfologias variáveis estão assinalados em contextos urbanos datados dos séculos XVI e XVII de Almeria (Flores Escoboza, 2007, p. 208-9, n.ºs 116-120) e Málaga (Peral Bejarano, et al., 2007, p. 123).

Os objectos abrigados sob esta epígrafe correspondem, portanto, a uma manifestação musical de cariz popular, onde se atestam instrumentos aérografos e de percussão elaborados em barro, hábito amplamente difundido na parte meridional da Península Ibérica, desde a Época Islâmica, e que ali perdura até à actualidade (Espinar, 1996). O fenómeno abrange uma área vasta do território português, especialmente bem representado em Época

Contemporânea nos centros de Estremoz, Caldas da Rainha e Barcelos, permanecendo a sua história por traçar, para a qual os referidos instrumentos lisboetas, cascalenses e escalabitano representam uma pequena achega.

4.4.4 Outros objectos

Como referimos antes, os fortes constrangimentos de espaço da presente publicação impedem-nos de tratar de forma desenvolvida a totalidade do rico espólio urbano recolhido no subsolo do Largo do Chafariz de Dentro, cuja vastidão requer um maior esforço de investigação do que o que nos foi possível desenvolver entre o fim da intervenção e a realização da presente reunião.

Ainda assim, não poderíamos encerrar o item presente sem fazer referência à presença maioritária das produções oleiras lisboetas mais comuns em contextos deste período, constituídas pelas cerâmicas de uso eminentemente quotidiano elaboradas em barro vermelho (fogareiros, assadores, panelas, tachos de pega lateral triangular, frigideiras com o mesmo tipo de prensão, potes, cântaros, bilhas, alguidares, pratos-tampa, testos, bacios/bispotes e talhas) e às tão difundidas escudelas e malgas recobertas de vidro estanífero branco, de difusão associada à expansão ibérica dos séculos XV-XVI (Gomes e Gomes, 1991, 1996).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Completam o “universo objectual”, recolhido no local, os artefactos metálicos. Um selo alfandegário em chumbo, com vestígios do tecido a que esteve apostado, poderá ser datado dos reinados de D. João III a D. Filipe I, dada a forma de representação do escudo real português, e atesta a actividade portuária e alfandegária da zona (fig. 11, n.º 25).

Cerca de 700 alfinetes de cabeça enrolada e comprimento variável, confeccionados sobretudo em liga de cobre, onde se assinala um número elevado que recebeu banho de ouro e prata, e em menor quantidade em metais nobres (fig. 11, n.º 26), constituem um dos achados mais singulares, sem paralelo na Arqueologia Moderna lisboeta. Sendo difícil para já justificar esta presença, conectada talvez com o seu fabrico próximo e/ou com usos quotidianos na indumentária e adorno pessoal da época, o que transparece desta expressividade quantitativa é o significado histórico, comprovativo da riqueza da cidade no período compreendido entre meados do século XVI e os primeiros anos do século XVII.

Reforça este entendimento o restante do conjunto objectual composto pelas produções cerâmicas e vítreas, onde as origens documentadas remetem para um comércio à escala global, deixando perceber arqueologicamente a riqueza da capital imperial.

4. Propriedade do Sr. Dr. Luís Pedro Rufino, de Santarém, a quem aqui se agradece a autorização para a divulgação do objecto.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, J. S. V. (1851) – *Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes, e poços públicos de Lisboa, Belém, e muitos logares do termo*. Lisboa: Imprensa Silvana, p. 112-115.
- BARROS, L.; CARDOSO, G. e GONZALEZ, A. (2003) – Primeira notícia do forno da Quinta de S. António da Charneca – Baireiro. *Actas das 3^{as} jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval – métodos e resultados para os seus estudos*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 295-307.
- BENINI, M. (1989) – *Cerâmica do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença.
- BRANDÃO, J. (1990) – *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1522*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 103-105.
- CALADO, M. e FERREIRA, V. (1992) – *Lisboa – freguesia de Santo Estevão (Alfama)*. Lisboa: Contexto Editora, p. 27-40.
- CARDOSO, G. e SEVERINO, S. (1999) – *Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais*. *Arqueologia Medieval*. Porto. 6, p. 193-212.
- CARNEIRO, E. L. (1989) – *Empedrado: técnica de decoração cerâmica*. Barcelos: Museu de Olaria.
- CARTA, R. (2008) – *Difusión e Influencia de la Producción de la Cerámica Italiana entre la Baja Edad Media Y la Primera Edad Moderna, El caso de Granada*, Tesis Doctoral apresentada na Faculdade de Filosofia Y Letras, Universidad de Granada.
- CARVALHO, A.R. e FERNANDES, I.C. (1992) – *Cerâmicas esmaltadas e vidradas dos séculos XV e XVI, provenientes do Castelo de Sesimbra*. Sesimbra: *Sesimbra Cultural*, p. 15-21.
- CASTELO-BRANCO, F. (1990) – *Lisboa Seiscentista*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 97-104.
- CASTILHO, J. (1948) – *A Ribeira de Lisboa*. Volume I, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 210-217.
- CHAFFERS, W. (1965) – *Marks & Monograms on European and Oriental Pottery and Porcelain*. Londres: William Reeves.
- CONESA, J. C. (2005) – As raízes valencianas dos revestimentos cerâmicos em Portugal. In *Cores para a arquitectura azulejaria valenciana século XIII ao século XX*. Lisboa: Museu Nacional Azulejo, IPM, p. 17-76. Catálogo.
- DAVID, M. (1966) – *Cerâmicas e Porcelanas Chinesas*. Milão: Martins Fontes.
- ESPINAR, M. (1996) – Instrumentos de barro: silbatos zoomorfos, antropomorfos y otros vestígios musicales. In *Musica oral del Sur*. Granada. p. 63-84.
- FERREIRA, M. A. (2004) – *Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares*, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, Volume 7, número 2, p. 541-583.
- FIOCCO, C.; GHERARDI, G. e SFEIR-FAKHARI, G. (2001) – *Majoliques Italiennes du Musée des arts décoratifs de Lyon, Collection Gillet*. Dijon: Editions Faton.
- FLORES ESCOBOZA, I. (dir.) (2007) – *Del rito al juego, Juguetes y silbatos de cerámica desde el Islam hasta la actualidad*. Almería: Junta de Andalucía. Catálogo.
- GODDIO, F.; CRICK, M.; LAM, P.; PIERSON, S. e SCOTT, R. (2002) – *Lost at Sea: The strange route of the Lena Shoal Junk*. Londres: Periplus.
- GOIS, D. (1988) – *Descrição da cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 49.
- GOMES, R. e M.V. (1991) – *Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV, XV e XVI do Poço –Cisterna de Silves*. In *Actas do IV Congresso Internacional de Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 457-490.
- GOMES, R. e M. V. (1996a) – *Cerâmicas Vidradas e Esmaltadas dos Séculos XIV a XVI do Poço Cisterna de Silves*, in *Xelb, Silves*, 3, p. 143-205.
- GOMES, R. e M. V. (1996b) – *Faianças do tipo «Santo Domingo Blue on White», do Funchal e de Silves* in *Xelb, Silves*, 3, p. 269-284.
- HOLANDA, F. de (1984) – *Da fabrica que falece à cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 24.
- IMPEY, O.R. (1992) – *Cerâmica do Extremo Oriente. Casa-Museu Guerra Junqueiro*. Porto: Edições Câmara Municipal do Porto. Catálogo.
- LIVERANI, G. (1960) – *Five Centuries of Italian Majolic*. Milão: McGraw-Hill Book Company, Inc.
- LOPES, F. (1986) – *Crónica do Senhor Rei Dom Fernando nono Rei destes regnos*. Porto: Livraria Civilização, p. 201-204.
- MANGUCCI, C. (1996) – *Olarias e louça e azulejo da freguesia de Santos-O-Velho, dos meados do século XVI aos meados do século XVIII*. *Almadan*. Almada. Série 2, 5, p. 155-168.
- MARINETTO SÁNCHEZ, P. (1998) – *Juguetes de época nazarí. La vajilla en miniatura*, In *Vida Cotidiana en la España Medieval, Actas del VI Curso de Cultura Medieval (1994)*. Aguilar de Campo. p. 157-188.
- MARLEY-FLETCHER, H. (1984) – *Techniques of the World's Great Masters of Pottery and Ceramics*, Oxford: Phaidon. Christie's.
- MATOS, M.A.P. (1996) – *A Casa das Porcelanas: cerâmica chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: IPM. Catálogo.
- MEDLEY, M. (1999) – *The Chinese Potter*. Londres: Phaidon.
- MUÑOS, P. e CAMBRA, R. (1999) – *La Cerámica Moderna en el Convento del Carmen (Sevilla)*. *Arqueologia Medieval* 6. Porto: Edições Afrontamento.
- OLIVEIRA, E. F. (1882) – *Elementos para a História do Município de Lisboa*, tomo I-XVII, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- PERAL BEJARANO, C.; LÓPEZ CHAMIZO, S. e GONZÁLEZ FLORES, J. (2007) – *Aproximación al juguete en su contexto arqueológico en Málaga* In FLORES ESCOBOZA, dir. – *Del rito al juego, Juguetes y silbatos de cerámica desde el Islam hasta la actualidad*. Almería: Junta de Andalucía, p. 111-130. Catálogo.
- POSSELLE, L. (1999) – *Topkapi à Versailles – Trésors de la Cour Ottomane*. Paris.
- SABROSA, A. (1992) – *Cerâmicas quinhentistas do Palácio Pragana*. *Almadan*. Almada. Série 2,1, p. 38-44.
- SABROSA, A. e SANTO, P. E. (1992) – *Almada Medieval/Moderna: um projecto de investigação*. *Almadan*. Almada. Série 2,1, p. 5-12.
- SARDINHA, O. (1999) – *Notícia sobre as peças pedradas do galeão «San Diego» (1600)*. *Arqueologia Medieval*. Porto. 6, p. 183-192.
- SILVA, V. (1987) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*. Volume II, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 101-110.
- SIMÕES, J. M. S. (1990) – *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI – Introdução geral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- TAIT, H. (1979) – *The Golden Age of Venetian Glass*, British Museum, Londres.
- TRINDADE, R. A. A. (2007) – *Revestimentos Cerâmicos Portugueses: meados do século XIV à primeira metade do século XVI*. Lisboa: Edições Colibri.
- VANKER, S. J. (1991) – *Chinese Pottery and Porcelain: From Prehistory to the Present*. Londres: British Museum Press.
- WATSON, W. (1986) – *Italian Renaissance Maiolica from the William C. Clark Collection*, Londres.